



O Homem
e o

Mundo

OS DICIONÁRIOS E O VERBETE "JUDEU"

EVARISTO DE MORAES FILHO

INCIOU o meu amigo Dr. Fernando Levisky uma campanha contra os significados que os dicionários vêm emprestando ao vocábulo "judeu". A verdade é que, numa repetição fastidiosa, copiam-se uns aos outros, desde o século XVI, desde a época cruenta de luta de religiões, desde os tempos da Inquisição, dando sempre à palavra "judeu" um sentido pejorativo, depreciativo, como sintética de tudo que possa haver de mau e de feio no mundo. O "judeu" é hipócrita, é mau, avarento, baixo, ruim, estripador de crianças, o diabo... Sim, o diabo mesmo.

E dêste modo, como o Mefistófeles em pessoa, sóto no mundo, destruindo a beleza da vida e conspurcando as fontes puras da moral e da religião, vai permanecendo o "judeu" nas páginas dos dicionários. Dirão os dicionaristas que nada mais fazem do que compilar os fatos da linguagem, e que não têm culpa de encontrarem alguns desses significados na vida real. Claro, e já dizia Michel Bréal que se deve aprender a gramática pela língua e não pela gramática. Não se constrói o significado de uma locução por decreto, sendo mais humilde o papel do teórico da linguagem, limitando-se a observar e a registrar.

Mas é verdade também — em resposta — que o dicionarista não é uma simples máquina automática de repetição e de cópia tipo holerite. A sua intervenção deve ser ativa, selecionadora, científica, separando o significativo daquilo que não é mais significativo, vislumbrando bem entre o que é vivo e o que é morto nos antigos dicionários. Ora, ninguém mais nega hoje em dia que estes significados, ainda constantes dos dicionários em uso entre nós, são perfeitas palhas secas, mero survival perdido no tempo e no espaço, sem o menor conteúdo de realidade e de vida autêntica. Foram verdadeiros — digamos assim — quando representavam slogans de luta, de perseguição e de difamação contra o pobre povo de Israel. Faziam parte da atmosfera dominante na época, como capa de cultura oficial. O Estado e as ideologias dominantes tinham interesse que se admitissem aqueles significados como legítimos, a fim de que pudessem justificar as perseguições, as depurações pela fogueira e as conversões do mal para o bem.

Mas, hoje em dia, convenhamos, é o mesmo que continuar a chamar os alemães, os boschs da guerra de 14, como estripadores de crianças, vampiros humanos, assassinos, perversos e maus. Toda a gente sabe que a mes-

ma Alemanha, centro dessa propaganda negativa, é também a terra de Heine, Goethe, Beethoven, Kant, Novalis, e de outros criadores e idealistas desta estirpe.

As palavras não podem ser fixadas e cristalizadas secularmente nos dicionários. São entes que nascem, vivem e morrem, passando por profundas e às vezes contraditórias significações. Para o estado dessas variações, no tempo e no espaço, constituiu-se a parte da gramática ou da lógica que se chama semântica. E é ela que deve ficar alerta, atenta a essas variações de sentido, perscrutando sociologicamente os fatores reais e concretos que condicionam a manutenção e as mudanças de significado.

Literariamente, ocorre-nos à memória aquele malicioso e sutil diálogo final entre Aristóteles e Polifilo, no *Le Jardin d'Épicure*, de Anatole France. Lendo um manual de filosofia, encontrou este último a expressão: "A alma possui Deus na medida em que participa do absoluto". Propõe, então, ao seu amigo dar forma e cor, vida primeira às palavras que compõem aquela frase. Nesta tentativa, a gramática comparada lhe proporcionará grande auxílio, como reativo químico oferece aos decifradores de palimpsestos. Tornará claro o sentido que apresentava esta dezena de palavras, senão na própria origem na linguagem, pelo menos num período bem mais atrás de qualquer lembrança histórica. E assim alma, Deus, medida, possuir, participar, podem ser reconduzidos à sua significação ariana. Decompõe-se também absoluto em seus elementos antigos. "Ora conclui Polifilo, restabelecendo nestas palavras sua jovem e clara expressão, eis, salvo erro, o que se obtém: "O sópro está sentido em algo que brilha, pelo alqueire da dívida que recebe nisso que é completamente desatado".

Eis em que pode dar a origem das palavras e seus significados primitivos, prósos às suas fontes concretas e reais. Continuar, ainda hoje, a registrar em dicionários expressões já vazias de significado, frutos de uma época e de um tempo já ultrapassados, é persistir no erro, é servir de instrumento a preconceitos a ideologias, muitas vezes inconscientes, mas nem por isso menos reprováveis. O bem e o mal foram equitativamente divididos por todos os povos, nenhum é mais culpado ou inocente, todos receberam igual quinhão de vícios e virtudes...